

Conspiração contra o Vaticano

Dan Kurzman

Conspiração contra o Vaticano

**O plano secreto de Hitler
para seqüestrar o papa Pio XII**

Tradução:
Vivian Mannheimer


ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Para Florence, minha querida mulher, cuja presença serena ilumina um mundo sombrio e repleto de guerra, ganância e desumanidade.

Título original:

A Special Mission

(Hitler's Secret Plot to Seize the Vatican and Kidnap Pope Pius XII)

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2007 por Da Capo Press,
um membro do Perseus Books Group, de Cambridge, EUA

Copyright © 2007, Dan Kurzman

Copyright da edição brasileira © 2008:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Leo Boechat

Capa: Sérgio Campante

Ilustração da capa: © Hulton – Deutsch Collection/Corbis/Latinstock
e © Bettmann/Corbis/Latinstock

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K98c Kurzman, Dan,
Conspiração contra o Vaticano (O plano secreto de Hitler para seqüestrar o papa Pio XII) / Dan Kurzman; tradução, Vivian Mannheimer. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

il.

Tradução de: *A special mission (Hitler's secret plot to seize the Vatican and kidnap pope Pius XII)*

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-378-0057-7

1. Pio XII, Papa, 1876-1958. 2. Seqüestro político. 3. Holocausto judeu (1939-1945). 4. Igreja Católica – Relações exteriores – Alemanha. 5. Alemanha – Relações exteriores – Igreja Católica. 6. Cidade do Vaticano – Aspectos estratégicos. I. Título.

Sumário

Apresentação, 7

Introdução, 11

1. Prelúdio à loucura, 15
2. Wolff na Toca do Lobo, 21
3. Os conspiradores, 27
4. Flerte com a traição, 45
5. Objetivo: convencer Hitler, 53
6. A única forma de salvar a Alemanha, 67
7. Mais perto de Himmler que do paraíso, 77
8. Cão sem dono, 85
9. Prisioneiro da situação, 91
10. Por medo do homem, 97
11. Convivendo com Deus e o diabo, 105
12. O plano do massacre, 115
13. Um dilema doloroso, 119
14. A arte de examinar paredes, 133
15. Uma questão de prioridade, 141
16. Véspera do desespero, 155
17. “Mas eles me prometeram...”, 171
18. Barganha com sangue, 185
19. Lógica assassina, 189

20. **A caminho do Vaticano**, 201

21. **Uma dupla peculiar**, 209

22. **O novo conquistador**, 213

23. **Salvo da armadilha**, 221

Conclusão, 229

Notas, 237

Referências bibliográficas, 247

Agradecimentos, 255

Índice, 259

1.

Prelúdio à loucura

O plano começou a tomar forma quase imediatamente após o ditador italiano Benito Mussolini ter sido deposto do poder em 25 de julho de 1943 pelo rei Vítor Emanuel III e um grupo fascista rival. Hitler estava furioso especialmente com o “amigo dos judeus”, o papa Pio XII, a quem acusava de ter estimulado a revolta. Ele havia sido traído por todos eles – e logo no momento em que os aliados ameaçavam invadir a Itália. No dia seguinte, convocou a chefia militar para uma reunião em seu quartel-general perto de Rastenburg, no Leste da Prússia, para decidir como se vingariam de tal humilhação. Entre os convocados estavam os dois principais conselheiros militares de Hitler, os marechais-de-campo Alfred Jodl e Wilhelm Keitel.

A ira do Führer refletia-se na pouca mobília da sala de conferência – uma mesa comprida no centro e nenhuma cadeira. Em uma reunião anterior, o ministro Hermann Göring, responsável pela *Luftwaffe**, foi pego cochilando durante um inflamado discurso de Hitler. Dessa vez, o Führer obrigou os participantes a ficarem de pé. Ninguém dormiria enquanto Roma estivesse em chamas!

Mussolini precisava ser libertado e voltar ao poder, gritou Hitler. O rei e o primeiro-ministro tinham que ser encontrados e presos. Roma deveria se livrar dos inimigos, o que incluía os judeus. Para isso, as tropas alemães teriam que ocupar a cidade.

Alguém perguntou sobre o Vaticano, onde, certamente, muitos judeus estavam escondidos. Seria preciso fechar todas as estradas de acesso ao local?

* A Força Aérea alemã. (N.T)

“Irei diretamente ao Vaticano”, respondeu Hitler. “Você acha que o Vaticano me preocupa? Vamos ocupá-lo imediatamente! Para mim, é tudo a mesma coisa. A escória está lá. Vamos expulsar aquele bando de porcos. Mais tarde, nos desculpamos.”

E acrescentou: “Precisamos destruir o poder do Vaticano, capturar o papa, deportá-lo para a Alemanha e dizer que estamos protegendo-o.”

Como seria possível para um rei fraco e covarde depor o poderoso Mussolini – o melhor amigo da Alemanha e o que mais colaborava com o país – sem a ajuda e o estímulo de figuras influentes como o papa, que odiava o *Duce*?

O ódio era profundo e já havia sido demonstrado anteriormente, quando Joseph Müller, conspirador alemão anti-Hitler, me disse ter entregue ao papa documentos que relatavam com detalhes os crimes da SS cometidos na Polônia contra judeus e poloneses. Pio XII mostrou os documentos ao embaixador da Itália na Santa Sé e lhe pediu que contasse a Mussolini sobre os crimes. O *Duce* ficaria zangado com o envolvimento do papa nessas questões, advertiu o embaixador.

Pio XII não se intimidou. Talvez fosse mandado para um campo de concentração, respondeu, mas seria responsável “diante da humanidade” se tais atrocidades acontecessem na Itália e queria que Mussolini soubesse disso. O papa estava preocupado especialmente com a possibilidade de Hitler convencer o *Duce* a enviar as forças fascistas para o Vaticano. O Führer, agora, queria saber mais sobre a aproximação do papa com o embaixador. Também suspeitava que Pio XII havia traçado o plano do golpe – e planejava denunciar o genocídio dos judeus. O papa revelaria ao mundo o maior segredo da SS, e talvez até o povo alemão não entendesse por que tal política era necessária.

Pio XII, sugeriu Hitler, talvez tivesse que ser morto. Enquanto isso, mandou soldados procurarem o rei e seus homens para lhes mostrar o que acontece com os traidores.



Vítor Emanuel III subiu ao trono em 1900 e se tornou um fantoche nas mãos de uma extensa lista de primeiros-ministros. O último foi Mussolini, que o rei trouxera para o poder em 1922 com o objetivo de salvar a corrupta e agonizante monarquia. Desde então, o monarca nunca havia se recusado a assinar um decreto fascista, apesar de suas posições políticas geralmente mais moderadas.

Em 1938, até aprovou, embora relutantemente, as leis anti-semitas dos fascistas e saudou Hitler com pompa e sorrisos em uma visita do Führer a Roma. Apenas após o Grande Conselho Fascista – abalado pela invasão dos aliados à Sicília e pelo primeiro bombardeio em Roma – ter exigido a renúncia de Mussolini no dia 25 de julho, é que o rei tomou coragem para enfrentar o *Duce*.

Naquele dia, vestido em um terno azul-marinho e com olheiras que denunciavam a noite passada em claro, Mussolini entrou na residência real, Villa Savoia, para o encontro mostrando um discreto otimismo, apesar da amargura. Parecia menos insolente que de costume com o nanico de enorme bigode branco, enquanto questionava a legalidade da ação do Grande Conselho. Os olhos azuis do rei, habitualmente inquietos e indiferentes, fixaram-se incansáveis no visitante. O monarca foi franco: “Meu caro *Duce*, a situação não está nada boa. A Itália encontra-se despedaçada. O moral do Exército está muito baixo. Os soldados não querem mais lutar. O voto do Grande Conselho é imbatível. ... Neste momento, você é o homem mais odiado da Itália e não pode contar com mais de um amigo. Mas há um que continua a seu lado: eu. Essa é a razão pela qual digo que não precisa temer por sua segurança pessoal. Eu lhe garanto proteção. Creio que o homem ideal para essa função seja o marechal Badoglio.”

Mussolini ficou chocado. Há apenas alguns anos, em 1939, ele havia assinado um pacto de conquistas com Hitler, sonhando com um novo Império Romano, e agora estava sendo expulso por aquele que considerava um rei fraco, traiçoeiro e figurativo.

Vítor Emanuel acompanhou o *Duce* até a entrada do palácio, abriu um meio sorriso e apertou-lhe a mão. Alguns minutos depois, um grupo de policiais agarrou o ditador e o empurrou para uma ambulância. Ele estava preso.

O marechal Pietro Badoglio, o conquistador da Etiópia, foi o próximo convidado do rei – nenhuma surpresa, já que estava sempre tentando se recuperar de alguma derrota. Apesar de as tropas de Badoglio terem sido massacradas na Primeira Guerra Mundial, alguns anos depois ele ressurgiu como chefe do Estado Maior. Em dezembro de 1940, Mussolini o forçou a deixar o Exército após um quase desastre militar na Grécia, no entanto, mais uma vez, ele reapareceu – dessa vez, como primeiro-ministro.

Com o fascismo longe de ser extinto, ao menos formalmente, o mesmo medo e oportunismo que um dia levaram o rei e Badoglio a agradecer Mussolini, agora os tornava hesitantes quanto a romper com o Eixo. Garantiram aos alemães que “a guerra continuaria”, mas, ao mesmo tempo, nada ingênuos, começavam a negociar um armistício com os aliados.

Diziam não poder negar apoio político ao Eixo até os aliados garantirem que quinze divisões aéreas chegassem para proteger Roma – e eles próprios. Os aliados, por fim, decidiram mandar apenas uma divisão de pára-quedistas a Roma. Ao mesmo tempo, planejavam a aterrissagem de forças norte-americanas em Salerno, no sul do país.

Em 7 de setembro de 1943, um dia antes do marcado para a invasão aérea, Badoglio recebeu a visita, em Roma, de dois norte-americanos, o general-de-brigada Maxwell Taylor e outro oficial. Os dois foram “contrabandeados” para dentro do país por um navio da Marinha italiana e levados para a capital escondidos em uma ambulância. O objetivo deles era estabelecer as condições para a aterrissagem dos pára-quedistas.

De pijama e roupão, Badoglio estava prestes a receber os dois em seu quarto, quando o major-general Giacomo Carboni – cuja tarefa era defender Roma dos alemães – se mostrou chocado com a aparência do primeiro-ministro. Achou a “visão desmoralizante: careca, pescoço comprido enrugado e amarelado, além de olhos vidrados sem sobrancelhas, ... um pássaro depenado esquisito”.

“Vossa Excelência”, disse o general, “o senhor não pode se apresentar dessa forma a dois oficiais norte-americanos desconhecidos. O senhor continua sendo uma autoridade na Itália. Por favor, vá se lavar e se vista.”

Badoglio concordou, mas roupas elegantes não cobririam o medo que sentia. As forças italianas, disse aos norte-americanos, não estavam prontas para garantir a segurança dos três locais onde a divisão aterrissaria. Também não parecia que algum dia estariam prontas. Para Badoglio e seus subordinados, seria muito trágico transformar sua amada Roma, a base de sua fortuna, a fonte de seu poder, a raiz de sua cultura, em um campo de batalhas devastado. Para piorar, qual seria a represália que os alemães lhes imporiam caso a operação falhasse?

“Se eu anunciar o armistício e os norte-americanos não mandarem o reforço necessário e não aterrissarem perto de Roma, os alemães vão ocupar a cidade e colocar no governo um fantoche fascista”, disse Badoglio, quase com lágrimas nos olhos, por ainda estar preso às lembranças de uma carreira militar gloriosa.

Segurando o pescoço com as mãos acrescentou: “É a minha garganta que os alemães vão cortar!”

Os aliados, entretanto, procederam como o planejado, insistiram no anúncio do armistício, que deveria coincidir com a aterrissagem em Salerno. Garantiriam, assim, que as tropas italianas não ajudariam os alemães a resistirem à invasão.

Após hesitar, Badoglio falou pelo rádio com voz moderada e triste; confirmou que a Itália havia se rendido aos aliados e pediu ao povo que não resistisse aos vitoriosos, mas sim “a qualquer ataque que viesse de outras partes”.

Nas primeiras horas do dia 9 de setembro, Badoglio, temendo por sua vida, acordou o rei e sugeriu que os dois pegassem um avião para a região dos aliados no sul.

“Sou um homem velho”, murmurou o monarca. “O que eles podem fazer comigo?”

Não esperou para ver. Vestindo uma capa de chuva leve sobre o uniforme e carregando uma mala velha de fibra, entrou na limusine Fiat, entregando os romanos, que ainda dormiam, à própria sorte.

Um general, então, disse a Badoglio: “Darei algumas ordens antes de partir. Presumo que o senhor queira fazer o mesmo.”

Badoglio respondeu: “Não, vou partir agora mesmo.”

E ele, também, abandonou os romanos – horas antes de as tropas alemãs entrarem na eternamente atormentada Cidade Eterna. Já era tarde demais para capturar os dois renegados líderes italianos antes de eles se jogarem nos braços dos norte-americanos.

Hitler ficaria furioso ao tomar conhecimento da fuga. Porém, sabia ao menos onde encontrar o papa – quando chegasse a hora, mostraria a Pio XII a quem o futuro pertencia.